

aleidedeus.org

Apêndice 2: A Circuncisão e o Cristão

CIRCUNCISÃO: UM MANDAMENTO QUE QUASE TODAS AS IGREJAS CONSIDERAM ABOLIDO

Entre todos os santos mandamentos de Deus, a circuncisão parece ser o único que quase todas as igrejas erroneamente consideram abolido. O consenso é tão amplo que até antigos rivais doutrinários — como a Igreja Católica e as denominações protestantes (Assembleia de Deus, Adventistas do Sétimo Dia, Batistas, Presbiterianos, Metodistas etc.) —, bem como grupos frequentemente rotulados como seitas, como os mórmons e as Testemunhas de Jeová, todos afirmam que esse mandamento foi cancelado na cruz.

JESUS NUNCA ENSINOU SUA ABOLIÇÃO

Há duas razões principais para essa crença ser tão difundida entre os cristãos, apesar do fato de que Jesus nunca ensinou tal doutrina e de que todos os apóstolos e discípulos de Jesus obedeceram a esse mandamento — incluindo Paulo, cujos escritos são frequentemente usados por líderes para "liberar" os gentios dessa exigência estabelecida pelo próprio Deus.

Isso é feito mesmo sem haver qualquer profecia no Antigo Testamento sugerindo que, com a vinda do Messias, o povo de Deus — judeus ou gentios — estaria isento de obedecer a esse mandamento. Na verdade, desde o tempo de Abraão, a circuncisão sempre foi exigida para que qualquer homem fizesse parte do povo que Deus separou para ser salvo, fosse ele descendente de Abraão ou não.

A CIRCUNCISÃO COMO SINAL DA ALIANÇA ETERNA

Ninguém era admitido como parte da comunidade santa (separada das outras nações) sem se submeter à circuncisão. A circuncisão era o sinal físico da aliança entre Deus e Seu povo privilegiado.

Além disso, essa aliança não se limitava a um período específico nem aos descendentes biológicos de Abraão; ela também incluía todos os estrangeiros que desejassem ser oficialmente integrados à comunidade e considerados iguais perante Deus. O Senhor foi explícito: *"Isso se aplica não apenas aos que nasceram em sua casa, mas também aos servos nascidos no estrangeiro que você comprou. Quer tenham nascido em sua casa ou tenham sido comprados com seu dinheiro, eles devem ser circuncidados. Minha aliança na sua carne deverá ser uma aliança eterna" (Gênesis 17:12-13).*

OS GENTIOS E A EXIGÊNCIA DA CIRCUNCISÃO

Se os gentios realmente não precisassem desse sinal físico para se tornarem parte do povo separado pelo Senhor, não haveria razão para Deus exigir a circuncisão antes da vinda do Messias, mas não depois.

NENHUM RESPALDO PROFÉTICO PARA UMA MUDANÇA

Para que isso fosse verdade, teria de haver informações nesse sentido nas profecias, e Jesus teria de nos ter informado que essa mudança ocorreria após Sua ascensão. No entanto, não há nenhuma menção no Antigo Testamento sobre a inclusão dos gentios no povo de Deus que sugira que eles estariam isentos de qualquer mandamento, incluindo a circuncisão, simplesmente por não serem descendentes biológicos de Abraão.

DUAS RAZÕES COMUMENTE USADAS PARA NÃO OBEDECER A ESTE MANDAMENTO DE DEUS

A PRIMEIRA RAZÃO: AS IGREJAS ENSINAM ERRONEAMENTE QUE O MANDAMENTO DA CIRCUNCISÃO FOI CANCELADO

A primeira razão pela qual as igrejas ensinam que a Lei de Deus sobre a circuncisão foi cancelada — **sem especificar quem supostamente a cancelou** — está na

dificuldade de cumprir esse mandamento. Os líderes das igrejas temem que, se aceitarem e ensinarem a verdade — que Deus nunca deu qualquer instrução para aboli-lo —, perderão muitos membros.

De modo geral, esse mandamento é, de fato, inconveniente de cumprir. Sempre foi e continua sendo. Mesmo com os avanços médicos, um cristão que decide obedecer a esse mandamento precisa encontrar um profissional, pagar do próprio bolso (já que a maioria dos planos de saúde não cobre o procedimento), passar pelo procedimento, lidar com os incômodos do pós-operatório e suportar o estigma social, muitas vezes enfrentando a oposição de familiares, amigos e da igreja.

TESTEMUNHO PESSOAL

Um homem precisa estar verdadeiramente determinado a obedecer a esse mandamento do Senhor para levar isso adiante; caso contrário, desistirá com facilidade. Há incentivo de sobra para abandonar esse caminho. Sei disso porque **eu mesmo passei por isso aos 63 anos, quando fui circuncidado em obediência ao mandamento.**

A SEGUNDA RAZÃO: FALTA DE COMPREENSÃO SOBRE DELEGAÇÃO OU AUTORIZAÇÃO DIVINA

A segunda razão, e certamente a principal, é que a igreja carece de uma compreensão adequada sobre delegação ou autorização divina. Essa falta de compreensão foi explorada desde cedo pelo diabo, quando, apenas algumas décadas após a ascensão de Jesus, começaram as disputas por poder entre os líderes da igreja, culminando na conclusão absurda de que Deus havia delegado a Pedro e a seus supostos sucessores a autoridade para fazer qualquer alteração que desejassem na Lei de Deus.



Assim que Jesus retornou ao Pai, o diabo começou a influenciar os líderes da igreja para afastar os gentios dos mandamentos eternos de Deus.

Essa aberração se estendeu muito além da circuncisão, afetando muitos outros mandamentos do Antigo Testamento, aos quais Jesus e Seus seguidores sempre obedeceram fielmente.

AUTORIDADE SOBRE A LEI DE DEUS

Inspirada pelo diabo, a igreja desconsiderou o fato de que qualquer delegação de autoridade sobre a santa Lei de Deus teria de vir diretamente do próprio Deus — por meio de Seus profetas no Antigo Testamento ou de Seu Messias.

É inconcebível que meros seres humanos concedam a si mesmos a autoridade para alterar algo tão precioso para Deus como Sua Lei. Nenhum profeta do Senhor, nem Jesus, jamais nos advertiu de que o Pai, após o Messias, concederia a qualquer grupo ou indivíduo, dentro ou fora da Bíblia, o poder ou a inspiração para anular, abolir, modificar ou atualizar nem mesmo o menor de Seus mandamentos. Pelo contrário, o Senhor declarou explicitamente que isso seria um grave pecado: *"Não acrescentem nada ao que eu ordeno a vocês e não retirem nada disso, mas guardem os mandamentos do Senhor, o Deus de vocês, que eu lhes dou" (Deuteronômio 4:2).*

A PERDA DA INDIVIDUALIDADE NO RELACIONAMENTO COM DEUS

A IGREJA COMO INTERMEDIÁRIA NÃO PREVISTA

Outro problema crítico é a perda da individualidade no relacionamento entre a criatura e o Criador. A igreja nunca teve o propósito de ser intermediária entre Deus e o homem. No entanto, no início da era cristã, ela assumiu esse papel.

Em vez de cada crente, guiado pelo Espírito Santo, se relacionar individualmente com o Pai e o Filho, as pessoas passaram a depender inteiramente de seus líderes para que lhes dissessem o que o Senhor permite ou proíbe.

ACESSO RESTRITO ÀS ESCRITURAS

Esse grave problema ocorreu, em grande parte, porque, até a Reforma do século 16, o acesso às Escrituras era um privilégio reservado ao clero. Era expressamente proibido que o homem comum lesse a Bíblia por si mesmo, sob a justificativa de que ele era incapaz de entendê-la sem a interpretação do clero.

A INFLUÊNCIA DOS LÍDERES SOBRE O POVO

DEPENDÊNCIA DOS ENSINAMENTOS DOS LÍDERES

Cinco séculos se passaram e, apesar do acesso universal às Escrituras, as pessoas continuam a depender exclusivamente do que seus líderes ensinam — certo ou errado —, permanecendo incapazes de aprender e agir de forma independente em relação ao que Deus exige de cada indivíduo.

Os mesmos ensinamentos errôneos sobre os santos e eternos mandamentos de Deus que existiam antes da Reforma continuam sendo transmitidos pelos seminários de todas as denominações.

O ENSINO DE JESUS SOBRE A LEI

Até onde sei, não há uma única instituição cristã que ensine aos futuros líderes o que Jesus claramente ensinou: que nenhum mandamento de Deus perdeu sua validade após a vinda do Messias: *"Pois eu digo a vocês a verdade: até que o céu e a terra*

passem, nem a menor letra, nem o menor traço de uma pena desaparecerá de modo algum da Lei até que tudo se cumpra. Portanto, qualquer um que deixe de lado um destes menores mandamentos e ensine os outros a fazer o mesmo será chamado o menor no reino dos céus, mas ***quem praticar e ensinar esses mandamentos será chamado grande no reino dos céus****" (Mateus 5:18-19).*

OBEDIÊNCIA PARCIAL EM ALGUMAS DENOMINAÇÕES

ADESÃO SELETIVA AOS MANDAMENTOS DE DEUS

Algumas poucas denominações se esforçam para ensinar que os mandamentos do Senhor são eternamente válidos e que nenhum escritor bíblico após o Messias jamais escreveu contra essa verdade. No entanto, por alguma razão misteriosa, elas limitam a lista de mandamentos que continuam sendo obrigatórios para os cristãos.

Essas denominações geralmente enfatizam os Dez Mandamentos (incluindo o Sábado, o sétimo dia do quarto mandamento) e as leis dietéticas de Levítico 11, mas não vão além disso.

A INCONSISTÊNCIA DA SELETIVIDADE

O mais curioso é que essas seleções específicas não são acompanhadas de qualquer justificativa clara, baseada no Antigo Testamento ou nos quatro Evangelhos, que explique por que esses mandamentos em particular ainda são válidos, enquanto outros, como a conservação do cabelo e da barba, o uso de tzitzit ou a circuncisão, não são mencionados ou defendidos.

Isso levanta a questão: se todos os mandamentos do Senhor são santos e justos, por que escolher obedecer a alguns e não a todos?

A ALIANÇA ETERNA

A CIRCUNCISÃO COMO SINAL DA ALIANÇA

A circuncisão é a aliança eterna entre Deus e Seu povo, um grupo de seres humanos santos, separados do restante da população. Esse grupo sempre esteve aberto a

todos e nunca se limitou aos descendentes biológicos de Abraão, como alguns supõem.



Uma pintura do século 15 do artista Giovanni Bellini retrata Jesus sendo circuncidado por rabinos, acompanhado por José e Maria.

Desde o momento em que Deus estabeleceu Abraão como o primeiro desse grupo, o Senhor instituiu a circuncisão como um sinal visível e eterno da aliança. Ficou claro que tanto seus descendentes naturais quanto aqueles que não pertenciam à sua linhagem precisariam desse sinal físico da aliança, caso desejassem fazer parte de Seu povo.

OS ESCRITOS DO APÓSTOLO PAULO COMO ARGUMENTO PARA NÃO OBEDECER ÀS LEIS ETERNAS DE DEUS

A INFLUÊNCIA DE MARCIÃO NO CÂNON BÍBLICO

Uma das primeiras tentativas de compilar os diversos escritos que surgiram após a ascensão de Cristo foi feita por Marcião (85 - 160 d.C.), um rico proprietário de navios do século 2. Marcião era um seguidor fervoroso de Paulo, mas desprezava os judeus.

Sua Bíblia era composta principalmente pelos escritos de Paulo e por seu próprio evangelho, que muitos consideram uma versão plagiada do Evangelho de Lucas. Marcião rejeitou todos os outros evangelhos e epístolas, descartando-os como não inspirados. Em sua Bíblia, todas as referências ao Antigo Testamento foram removidas, pois ele ensinava que o Deus anterior a Jesus não era o mesmo Deus que Paulo proclamava.

A Bíblia de Marcião foi rejeitada pela Igreja de Roma, e ele foi condenado como herege, mas sua visão dos escritos do apóstolo Paulo como os únicos inspirados por Deus, e sua rejeição de todo o Antigo Testamento e dos Evangelhos de Mateus, Marcos e João, já haviam influenciado as crenças de muitos dos primeiros cristãos.

O PRIMEIRO CÂNON OFICIAL DA IGREJA CATÓLICA

O DESENVOLVIMENTO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O primeiro cânon do Novo Testamento foi oficialmente reconhecido no final do século 4, cerca de 350 anos depois que Jesus retornou ao Pai. Os concílios da Igreja Católica em Roma, Hipona (393) e Cartago (397) foram fundamentais para a definição final dos 27 livros do Novo Testamento que conhecemos hoje.

Esses concílios foram essenciais para consolidar o cânon a fim de lidar com as diversas interpretações e textos que circulavam nas comunidades cristãs.

O PAPEL DOS BISPOS DE ROMA NA FORMAÇÃO DA BÍBLIA

APROVAÇÃO E INCLUSÃO DAS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo foram incluídas na coleção de escritos aprovados pelos bispos da Igreja no final do século 4, mais de 300 anos depois de Jesus ter voltado ao céu. Esses bispos eram homens comuns como qualquer um de nós, não profetas enviados por Deus. Essa coleção, considerada sagrada pela Igreja Católica, passou a ser conhecida como *Biblia Sacra* em latim e Τὰ βιβλία τὰ ἅγια (*ta biblia ta hagia*) em grego, que significa “os livros sagrados”. Este é um fato histórico que todo cristão deveria considerar seriamente.

Após séculos de debate sobre quais escritos deveriam compor o cânon oficial, os bispos da Igreja reconheceram como sagrados os livros do Antigo Testamento, os quatro Evangelhos, o Livro de Atos (atribuído a Lucas), as epístolas às igrejas (incluindo as cartas de Paulo) e o Livro do Apocalipse, de João. Foram homens que reuniram esses escritos em uma única coleção e declararam sagrada a coleção inteira. O fato de as cartas de Paulo aparecerem ao lado das palavras dos profetas de Deus e dos ensinamentos de Jesus no mesmo livro não significa que Deus concedeu a Paulo a mesma autoridade de Seus profetas ou de Seu próprio Filho.

O USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO TEMPO DE JESUS

É importante observar que, no tempo de Jesus, todos os judeus, incluindo o próprio Jesus, liam e citavam em seus ensinamentos apenas as Escrituras hebraicas, que muitos judeus de língua grega liam na versão grega conhecida como a Septuaginta, compilada cerca de três séculos antes de Cristo.

O DESAFIO DE INTERPRETAR OS ESCRITOS DE PAULO

COMPLEXIDADE E INTERPRETAÇÕES EQUIVOCADAS

Os escritos de Paulo, assim como os de outros autores posteriores a Jesus, foram incorporados à Bíblia oficial aprovada pela Igreja há muitos séculos e, por isso, são considerados fundamentais para a fé cristã.

No entanto, o problema não está em Paulo, mas nas interpretações de seus escritos. Suas cartas foram escritas em um estilo complexo e difícil, um desafio já reconhecido em sua época (como observado em 2 Pedro 3:16), quando o contexto cultural e histórico ainda era familiar aos leitores. Interpretar esses textos séculos depois, em um contexto inteiramente diferente, aumenta a dificuldade.

O PROBLEMA DA AUTORIDADE DE PAULO

A questão central não é a relevância dos escritos de Paulo, mas o princípio fundamental da autoridade e sua transferência. Como já explicado, a autoridade que a Igreja atribui a Paulo para cancelar, abolir, corrigir ou atualizar os santos e eternos

mandamentos de Deus não tem respaldo nas Escrituras que o precederam. Portanto, essa autoridade não vem do Senhor.

Não há nenhuma profecia no Antigo Testamento ou nos Evangelhos indicando que, após o Messias, Deus enviaria um homem de Tarso a quem todos deveriam ouvir e seguir.

A NECESSIDADE DE CONSISTÊNCIA

Isso significa que qualquer compreensão ou interpretação dos escritos de Paulo está incorreta se não estiver alinhada com as revelações que o precederam. Portanto, um cristão que verdadeiramente teme a Deus e à Sua Palavra deve rejeitar qualquer interpretação das epístolas — seja de Paulo ou de qualquer outro escritor — que não seja consistente com o que o Senhor revelou por meio de Seus profetas no Antigo Testamento e por meio de Seu Messias, Jesus.

HUMILDADE NA INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

O cristão deve ter a sabedoria e a humildade de dizer:
"Eu não entendo esta passagem, e as explicações que li são falsas porque não têm o respaldo dos profetas do Senhor e das palavras ditas por Jesus. Vou deixá-la de lado até que um dia, se for da vontade do Senhor, Ele a explique para mim."

UM GRANDE TESTE PARA OS GENTIOS

UM TESTE DE OBEDIÊNCIA E FÉ

Isso pode ser considerado um dos testes mais significativos que o Senhor escolheu impor aos gentios, um teste análogo ao que o povo judeu enfrentou durante sua jornada rumo a Canaã. Como está escrito em Deuteronômio 8:2: *"Lembre-se de como o Senhor, o seu Deus, conduziu você por todo o caminho no deserto durante estes 40 anos, para humilhá-lo e pô-lo à prova, a fim de saber o que havia em seu coração, se você guardaria ou não os Seus mandamentos."*

IDENTIFICANDO OS GENTIOS OBEDIENTES

Nesse contexto, o Senhor busca identificar quais gentios estão verdadeiramente dispostos a se unir ao Seu povo santo. São aqueles que decidem obedecer a todos os mandamentos, incluindo a circuncisão, apesar da intensa pressão da igreja e das numerosas passagens nas cartas às igrejas que aparentemente sugerem que vários mandamentos — descritos como eternos nos profetas e nos Evangelhos — foram revogados para os gentios.

A CIRCUNCISÃO DA CARNE E DO CORAÇÃO

UMA ÚNICA CIRCUNCISÃO: FÍSICA E ESPIRITUAL

É importante esclarecer que não existem dois tipos de circuncisão, mas apenas um: o físico. Deveria ser evidente para todos que a expressão "circuncisão do coração", usada ao longo de toda a Bíblia, é puramente figurativa, assim como "coração partido" ou "coração alegre".

Quando a Bíblia afirma que alguém é "incircunciso de coração", isso simplesmente significa que a pessoa não está vivendo como deveria, como alguém que realmente ama a Deus e está disposto a obedecer a Ele.

EXEMPLOS DAS ESCRITURAS

Em outras palavras, esse homem pode ter sido fisicamente circuncidado, mas seu modo de viver não está alinhado com a vida que Deus espera de Seu povo. Por meio do profeta Jeremias, Deus declarou que todo o Israel estava em um estado de "incircuncisão de coração": *"Pois todas as nações são incircuncisas, e toda a casa de Israel é incircuncisa de coração" (Jeremias 9:26).*

É evidente que todos eram fisicamente circuncidados, mas, ao se afastarem de Deus e abandonarem Sua santa Lei, foram julgados como incircuncisos de coração.

A EXIGÊNCIA DA CIRCUNCISÃO FÍSICA E DO CORAÇÃO

Todos os filhos de Deus do sexo masculino, sejam judeus ou gentios, devem ser circuncidados — não apenas fisicamente, mas também de coração. Isso fica evidente

nestas palavras claras: *"Assim diz o Soberano Senhor: Nenhum estrangeiro, incluindo os que vivem entre o povo de Israel, pode entrar em meu santuário a menos que seja circuncidado tanto no corpo como no coração" (Ezequiel 44:9).*

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

1. O conceito de circuncisão do coração sempre existiu e não foi introduzido no Novo Testamento como uma substituição da verdadeira circuncisão física.
2. A circuncisão é exigida de todos os que fazem parte do povo de Deus, sejam judeus ou gentios.

CIRCUNCISÃO E BATISMO NAS ÁGUAS

UMA FALSA SUBSTITUIÇÃO

Alguns acreditam erroneamente que o batismo nas águas foi instituído para os cristãos como um substituto da circuncisão. No entanto, essa afirmação é uma invenção puramente humana, uma tentativa de evitar a obediência ao mandamento do Senhor.

Se tal afirmação fosse verdadeira, esperaríamos encontrar passagens nos profetas ou nos Evangelhos indicando que, após a ascensão do Messias, Deus não exigiria mais a circuncisão dos gentios que desejassem se unir ao Seu povo e que o batismo tomaria seu lugar. No entanto, não existem tais passagens.

A ORIGEM DO BATISMO NAS ÁGUAS

Além disso, é importante observar que o batismo nas águas antecede o cristianismo. João Batista não foi o "inventor" nem o "pioneiro" do batismo.

AS ORIGENS JUDAICAS DO BATISMO (MIKVEH)

O MIKVEH COMO RITUAL DE PURIFICAÇÃO

O batismo, ou *mikveh*, já era um ritual de imersão bem estabelecido entre os judeus muito antes da época de João Batista. O *mikveh* simbolizava a purificação do pecado e

da impureza ritual.



Um antigo mikveh (ou mikvah) usado pelos judeus para purificação ritual, localizado na cidade de Worms, Alemanha.

Quando um gentio era circuncidado, ele também passava por um *mikveh*. Esse ato não apenas servia para a purificação ritual, mas também simbolizava a morte — sendo "enterrado" na água — de sua antiga vida pagã. Emergir da água, que lembra o líquido amniótico do ventre materno, simbolizava seu renascimento para uma nova vida como judeu.

JOÃO BATISTA E O MIKVEH

João Batista não estava criando um novo ritual, mas dando um novo significado a um já existente. Em vez de apenas os gentios "morrerem" para suas antigas vidas e "renascerem" como judeus, João chamava os judeus que viviam em pecado a também "morrer" e "renascer" como um ato de arrependimento.

No entanto, essa imersão não era necessariamente um evento realizado uma única vez. Os judeus se imergiam sempre que se tornavam ritualmente impuros, como

antes de entrar no Templo. Eles também costumavam — e ainda o fazem hoje — passar pela imersão no Yom Kippur como um ato de arrependimento.

FUNÇÕES DISTINTAS DOS RITUAIS

A ideia de que o batismo substituiu a circuncisão não tem respaldo nas Escrituras nem na prática histórica judaica. Embora o batismo (*mikveh*) tenha sido e continue sendo um símbolo significativo de arrependimento e purificação, ele nunca foi destinado a substituir a circuncisão, que é o sinal eterno da aliança de Deus.

Ambos os rituais têm seus próprios propósitos e significados distintos, e um não anula o outro.